

I Jornada do GPESC: Semiótica e Culturas da Comunicação

Livro de Resumos



PPGCOM

GPESC

MESA 1

Nome: **Bruno Leites**

Título: **A sintomatologia de imagens**

Instituição: UFRGS/UFPEL

Nesta comunicação pretendo apresentar parte dos resultados obtidos na tese “Quando a imagem faz sintoma: imagens-pulsão e neonaturalismo no cinema brasileiro dos anos 2000”. Na tese, pesquisei filmes que se propuseram a investigar o Brasil com o objetivo de revelar as suas doenças ocultas, produzindo para tanto imagens repletas de deformações, de repetições, de estados de descontrole, de doenças do olhar e de crueldade (filmes Cronicamente inviável, Através da janela, Latitude zero, O invasor, Amarelo manga, Contra todos, Quanto vale ou é por quilo?, O cheiro do ralo e Baixio das bestas). Pretendo nesta comunicação concentrar-me no terceiro eixo do trabalho de tese, no qual sistematizo a proposta de que existe um projeto de sintomatologia que pretende fazer da própria imagem um sintoma em civilização e para tanto recorre à dupla estratégia de desconfortar e engajar o espectador com o objetivo de fazê-lo viver como sua a doença que os realizadores julgam revelar.

Nome: **Lisiane Machado Aguiar**

Título: **Entre a lógica do sentido e do significado no ensino investigativo: 34 séries de paradoxos para o saber metodológico**

Instituição: UFRGS

O objetivo desse artigo é problematizar, por meio das 34 séries de paradoxos que formam a teoria do sentido, o tempo presente do ensino investigativo e desterritorializar morais que conformam determinadas propostas epistemológicas dos saberes metodológicos. Provocando, assim, fraturas nas camadas do saber-poder que se mostram normalizadas em séries da razão metodológica: uma ciência metodológica, uma pesquisa metodológica, uma pedagogia metodológica e uma língua acadêmica metodológica. Essas divisões em regiões da moral metodológica evidenciam uma lógica do significado presa num pensamento imagético. Problematizando essas regiões conseguimos ver que elas não pretendem dar significado como criação de algo pronto, mas reconhecer os valores morais que as contém. Por isso, possibilitam repensar que o sentido sendo ético não deve equivaler ao significado que é de ordem moral. Essas proposições apresentam paradoxos que se estabelecem não somente na relação com o signo em sua experiência processual, mas permitem observar que o sentido de método transita nessas séries normalizadoras de seu saber.

MESA 1

Nome: **Cássio de Borba Lucas**

Título: **Significâncias da música sampleada**

Instituição: UFRGS

Este trabalho objetiva (1) propor uma perspectiva de análise da música que parte das teses fundantes dos conceitos de intertextualidade, intersemiótica e significância e (2) analisar as músicas sampleadas que constituem o corpus por seus processos de significância. Para tanto, retoma as pesquisas linguísticas e literárias que, desde Bakhtin, apontam para a análise de um texto por sua relação com outros textos da cultura e da história, problematizando o caso da música, que também parece passível de análise em um campo intertextual, e que não se limita, porém, à dimensão verbal. Propõe, portanto, uma primeira passagem: da intertextualidade em sentido estrito à noção de intersemiótica, pela qual é possível pensar também as traduções entre linguagens e sistemas de signos distintos. Revisa autores que pensaram a questão da tradução intersemiótica, partindo de Jakobson, Peirce e Plaza e chegando às teorias das materialidades da comunicação que remetem os fenômenos de significação às redes (midiático-ambientais, no caso de McLuhan, e tecno-discursivas, no caso de Kittler) no seio das quais seu sentido é produzido, e que concebemos como um campo intersemiótico. A significação, desta perspectiva, não se reduz a uma transmissão de sentido, mas é trabalhada por diferentes instâncias semióticas e tecnológicas, em um atravessamento que, da perspectiva pós-estruturalista de Barthes e Kristeva, aponta para a fundação e para a disseminação do sentido em um movimento de significância. Este conceito implica uma segunda passagem: dos estudos do sentido ao pré-sentido, opondo um aspecto fenotextual (estruturado e codificado) a um genotextual (que diferencia as estruturalidades e códigos da comunicação). Este referencial teórico é então articulado com nosso objeto de pesquisa, para que pensemos o conceito de sampleamento por uma lógica de disseminação e significância, uma vez que a música sampleada não se limita a sua fabricação intertextual, mas convoca redes intersemióticas em um desenrolar da significação que passa pela apreciação coletiva (principalmente na internet) com seus diferentes interpretantes: repercussão, comentários, críticas, produções de novos materiais a partir das músicas analisadas, e, principalmente, a investigação coletiva dos trechos utilizados em cada música (sample hunting). Neste sentido, é proposta uma torsão do conceito de genotexto no rumo de uma genomusicalidade, que problematiza a fenomusicalidade codificada do ouvir ao instituir novos funcionamentos na comunicação musical. Por fim, é apresentada a metodologia de análise, que se apropria dos pensadores já indicados e também de outros que oferecem semióticas da significação da música (Tatit, Schafer, Tagg) para que, passando por um roteiro de três níveis (intratextual, intersemióti-

MESA 1

co e diagramático), se possa indicar o tipo de significância em que se processa a significação das cinco músicas que compõem nosso corpus. Quatro delas são do grupo australiano The Avalanches, que trabalha exclusivamente com música sampleada, e uma de Caetano Veloso, que utiliza o mesmo procedimento em seu Rap Popcreto. Como resultado, chega a cinco diagramas diferentes que dão a ver percursos genomusicais específicos que instauram novos tipos de comunicação: para além do ouvir, surge um germinar, um desvelar, um desenrolar, um recriar e um instituir como práticas que só se apresentam na expansão da análise intratextual da música por um campo intertextual e intersemiótico de materiais.

MESA 2

Nome: **Angela Longo**

Título: **Pós-humanismo na máquina anímica: visões explosivas do humano na animação japonesa**

Instituição: UFRGS

Nesta pesquisa procuramos investigar a animação japonesa como uma máquina para compreendermos como a copresença evolucionária de outros seres — técnicos e animais — potencializa outras compreensões sobre o humano. Com esse posicionamento, procuramos demonstrar como o humanismo, além de se constituir como um modelo filosófico, científico e civilizacional, também propôs uma visão estética sobre o humano. A compreensão do anime como uma máquina parte da teoria de Thomas Lamarre, em conjunto com as teorizações de Gilbert Simondon, Félix Guattari e Gilles Deleuze. O humano também é pensado como uma construção, assim a relação de explosão do humanismo e da implosão do antropocentrismo visa desterritorializar o humano nos seus componentes teóricos e poéticos. Nossa hipótese é demonstrar como a máquina anímica poderia permitir uma heterogênese pós-humana através da dobra comunicacional do intervalo anímico.

Nome: **Felipe Diniz**

Título: **O novíssimo cinema brasileiro e o desvio pela qualquerização: o fora-de-campo como mise-en-scène**

Instituição: UFRGS

Jean-Louis Comolli, em um conjunto de textos publicado em 1969 nos Cahiers du Cinéma apontou para um movimento significativo no cinema de ficção da época que incorporou as estratégias do direto em suas tramas. Baseado principalmente nos filmes produzidos pela Nouvelle Vague, o autor analisou aquilo que chamou como uma tendência do cinema moderno, que esforçava-se para mesclar em seus campos estéticos estilos que tradicionalmente haviam sido separados em lados opostos: a ficção e o documentário. Comolli (1969) sustenta, portanto, a tese de um sistema de reciprocidade, em que as técnicas e modos do cinema direto (originalmente enquadrados pelas lentes documentais) se incorporam aos filmes ditos de ficção. Em um artigo mais recente, inspirado nos textos de Comolli sobre o desvio pelo direto na ficção, Victor Guimarães escreve sobre o desvio pela ficção, já em um contexto do Novíssimo Cinema Brasileiro. Segundo ele, há exposto neste recorte fílmico, uma linguagem que multiplica procedimentos, que produz uma contaminação entre diferentes estratégias narrativas e mais uma vez chama atenção para os agenciamentos que se dão entre o gesto cotidiano, amparado pelo acaso, e os jogos dramáticos, estruturados pelas propostas de mise-en-scène. “Procurar al-

MESA 2

mejar a vibração da vida ordinária é resistir a voracidade do espetáculo, é fazer com que o cinema tenha que se empenhar na espessura do mundo para encontrar uma outra ficção possível" (GUIMARAES, 2013).

Nossa hipótese vai mais além. Apesar de concordarmos com Comolli em suas teses sobre o direto na ficção e com Guimarães, quando debate as potencialidade do cinema quando a ficção envolve o vivido, compreendemos as imagens do Novíssimo Cinema Brasileiro não somente como produtos de um desvio pelo direto, ou de um desvio pela ficção, mas através de um desvio pela qualquerização.

Acreditamos, portanto, que a discussão de uma dada qualquerização é principalmente empreendida pela relação entre o fora-de-campo e a mise-en-scène, que no escopo de uma reflexão sobre o Novíssimo Cinema Brasileiro, se afirmam como duas faces inseparáveis de uma mesma moeda. Se não existe nada fora do signo (imagem) como podemos compreender os elementos do fora-de-campo que o constituem e que sentido produzem?

Nome: **Guilherme Gonçalves da Luz**

Título: **Biopolíticas da catástrofe e o Cinema Novo Latino**

Instituição: UFRGS

O presente trabalho trata, sobretudo, de uma investigação sobre os modos de constituição dos cinemas novos latinos organizados a partir de regimes de visibilidade e de dizibilidade dispostos em um período de extrema censura, como as ditaduras Militares ocorridas no Brasil, de 1964 a 1984, na Argentina, de 1966 a 1983 e no Chile, de 1973 a 1990. A partir de um procedimento arqueológico procuraremos mapear os agenciamentos políticos e estéticos que se processaram sincronicamente junto aos modos de expressão das cinematografias latinas durante este período. Para tanto, deveremos compreender o cinema latino como uma virtualidade imanente às expressões artísticas do período que compreende os anos de 1964 e 1990. Tal compreensão evidenciará um cinema que se produz como uma máquina abstrata (DELEUZE, 2013), operando não apenas a partir de processos de diferenciação de si, mas na transformação política e estética da América Latina como um todo. Além destas primeiras questões esboçadas nos parágrafos iniciais, é preciso que façamos uma breve exposição dos conceitos que deverão permear as discussões que serão agenciadas segundo Platôs. Trabalharemos, inicialmente, com sete platôs, que deverão articular teórica e metodologicamente o material empírico da tese, um conjunto de blocos de imagens, fragmentos filmicos dispersos que serão organizados sincronicamente segundo suas relações com as teorias propostas pelos platôs. Deste modo, os agenciamentos serão realizados a partir dos conceitos de: 1) Latência, em Gumbrecht (2014), responsável pela composição

MESA 2

do primeiro platô, denominado A imagem latente; 2) de Alegoria e luto, em Walter Benjamin (2007) e Idelber Avelar (2003), e de fantasma, em Gilles Deleuze (2009), em Jacques Derrida (2007) e em Abraham e Torok (2011), responsáveis pelas articulações suscitadas pelo segundo Platô, chamado Alegoria, luto e corpos fantasmáticos; 3) de heterotopias, de Michel Foucault (2009), conceito organizador do platô chamado Utopia febril e espaços heterotópicos. 4) de Fabulação, em Gilles Deleuze (2006), proposição principal do platô denominado Fabulação. 5) de Transe, em Glauber Rocha (2004), responsável por propor as articulações teóricas do platô de nome homônimo O Transe. 6) dos conceitos de Testemunho, Lacuna e Shoa, visto em Giorgio Agamben (2007; 2008), capazes de articular as reflexões do platô denominado Paradoxo do Testemunho. 7) de Tropicalismo, visto em Glauber Rocha (2004), Ismail Xavier (2011) e de Intertextualidade, visto em Julia Kristeva (1972), em Jacques Aumont (2012), em Gilles Deleuze (2006), conceitos fundamentais a constituição do platô chamado Tropicalismo: Bricolagens e intertextos.

MESA 3

Nome : **Silvia Pont e Fábio Parode**

Título: **Uma análise semiótica peirceana dos painéis táteis do Museu Nacional de Artes Visuais de Montevidéu**

Instituição: Centro Universitário Ritter dos Reis

Este artigo tem como objetivo analisar o recurso de acessibilidade visual disponível no Museo Nacional de Artes Visuales (MNAV) de Montevidéu - Uruguai, sob a perspectiva dos estudos semióticos dos elementos universais dos fenômenos do filósofo e cientista Charles Sanders Peirce. Para tal, fez-se uma pesquisa de campo no espaço expositivo, onde foram explorados seus elementos compositores, entre eles pinturas à óleo e painéis táteis com relevos em metal reproduzindo cada respectiva tela. Esta pesquisa foi documentada através de impressões da experiência e registros fotográficos na exposição Colección MNAV, com curadoria de Maria Eugenia Grau. Tendo como foco três obras pertencentes ao patrimônio artístico do país de importantes nomes uruguaios, Juan Manuel Blanes, Carlos Federico Sáez e Joaquín Torres García, é traçado um comparativo entre as placas de acessibilidade e as pinturas em si, levando em consideração as noções levantadas por Peirce de primariedade, secundariedade e terciriedade. O artigo visa a melhor compreensão de quais critérios de textura, composição, forma e relevo foram utilizados, a partir da interpretação sígnica.

Nome: **Marcio Telles**

Título: **Arqueologia do iMaterial: a dicotomia corpo x mente na teoria da cibercultura dos anos 1990**

Instituição: UFRGS

A proposta deste artigo é investigar a construção da dicotomia materialidade x imaterialidade no pensamento da Cibercultura ao longo da primeira metade da década de 1990, período em que os alicerces teóricos da subárea foram erguidos. John Perry Barlow (1996), um dos pioneiros do ciberespaço, chama a tecnologia “virtual” de “casa da Mente”, um local “sem matéria” e, por isso, “incapaz de receber ordens através da coerção física”. Barlow chega a afirmar que “a relação entre ciberespaço com o mundo físico é exatamente aquela entre mente e corpo, [sendo] difícil para o corpo impor qualquer coisa à mente” (HERSHKOVITS; BARLOW, 2014). Nicholas Negroponte (1995), outro dos arautos da era digital, declarava sem culpa que a internet é uma questão “de bits, não de átomos”; e, caso seja necessário maior velocidade via fibra óptica, não há problema, “é só fazer mais, afinal, é apenas areia” (1995, p.23). Com o mesmo desdém pela materialidade, Weiser (1991), pioneiro da ubiquidade tecnológica, ressalta que a realidade virtual é um mapa sem território, onde o “mundo exterior e to-

MESA 3

dos seus habitantes efetivamente deixam de existir”. Essa separação artificial entre “mundo material” (ou “real”) e “imaterial” (e “virtual”) está na origem do que chamo de pensamento iMaterial, que torna invisíveis ou efêmeras as infraestruturas da comunicação e as matérias do mundo físico agenciadas nessas tecnologias. A última versão desse pensamento é a armazenagem em nuvem (virtual machine ou cloud computing), compreendida no senso comum como um lugar misterioso e imaterial para onde dados são enviados com o objetivo de serem salvos da corrupção da matéria (a falha do hard disk). A nuvem é tão ubíqua que o romancista e ensaísta crítico Bruce Sterling (2014) definiu a Nova Ordem Mundial como um “neo-feudalismo” de senhores medievais encastelados em cloud castles. O ápice do pensamento iMaterial é a vertente extropiana do transhumanismo, a crença de que no futuro próximo poderíamos “baixar” o conteúdo de nossas mentes para as máquinas e então viver eternamente dentro de corpos mecânicos, finalmente “livres” das excrescências da matéria – corrente de pensamento defendida, entre outros, por pioneiros teóricos da Cibercultura como R.U. Sirius (com CORNELL; 2015) e Ray Kurzweil (1999). Uma arqueologia desta dicotomia que conceito adquire, portanto, inclinações semiopolíticas: o iMaterial enquanto ideologia esconde as grandes operações de extração mineral ocorridas na África e as longas e exaustivas jornadas de trabalho na Ásia. Coloca em questão, também, a costumeiramente apontada solução tecnológica na política, como resposta à degradação ambiental (livros físicos versus digitais), à biopolítica e mesmo à governança democrática. O iMaterial que subsume tais processos, contanto ubíqua, não é neutra: foi construído como dispositivo teórico que permite tais apagamentos estruturais. Compreender as inclinações políticas destes primeiros teóricos do “ciberespaço” é a abertura necessária para recolocar o problema da degradação do mundo através dos avanços tecnológicos em pauta.

Nome: **Ricardo de Jesus Machado**

Título: **Semiofagias selvagens – Perspectivas de uma Semiótica Multinaturalista**

Instituição: UFRGS

O presente artigo se propõe a apresentar as interrelações entre a semiótica da cultura, a antropofagia e o perspectivismo, em busca de uma aproximação teórica que permitiria investigar e possibilidade de se formular aquilo que seria uma semiótica multinaturalista. O texto se fundamenta principalmente nos trabalhos de Ivan Bystrina, Oswald de Andrade e Eduardo Viveiros de Castro, buscando compreender como estes diferentes campos do conhecimento se interconectam na tentativa de construção desta semiótica baseada nas cosmologias e ontologias ameríndias.

MESA 3

Nome: **Mario Arruda**

Título: **Ecologia da internet algorítmica: territórios e redes de comunicação online**

Instituição: UFRGS

A internet é uma máquina social que se estrutura em bancos de dados pela interação de seus usuários. A partir da organização personalista dos sites de redes sociais, o resultado do rastreamento e análise dos rastros das performances online é o que chamamos de bolhas algorítmicas, numa referência à teoria de Eli Pariser (2012). Essas são espaços onde os usuários só recebem as informações que os algoritmos de relevância julgam pertinentes. Isso faz do mecanismo da internet contemporânea uma autopoíese orientada pela estabilização dos regimes de signos que a compõem e, conseqüentemente, dos códigos culturais (ECO, 2014) em nichos de interesse. Dada essa problemática, temos como objetivo geral a análise dos modos como se desencadeiam processos de produção territorial e de redes de comunicação através de obras estéticas dentro da internet. Operamos esse intuito a partir da perspectiva pós-estruturalista de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), bem como a partir da ecologia de Guattari (2013) em consonância com teorias da computação para entendermos como se singularizam os fluxos informacionais online. Fazemos isso a partir da construção de uma metodologia que visa analisar as materialidades dos sites de redes sociais a partir de uma rede teórica que entende a internet algorítmica como uma máquina comunicacional e social. Para que se opere deslocamentos qualitativos da estrutura analisada, elaboramos ao longo do trabalho categorias de análise que decorrem de modos de desterritorialização linguística, geográfica e significacional em dispersão histórica. Como corpus analisado até então temos a banda brasileira Metá Metá, que deriva da primeira categoria proposta intitulada heterotopias digitais.

MESA 4

Nome: **Mariana Somariva**

Título: **Por uma Semiótica Queer**

Instituição: UFRGS

Este trabalho apoia-se nas proposições de Carlos Figari (2012) sobre a elaboração de uma semiótica queer e problematiza a subversão dos padrões de sexo/gênero como sendo parte dos sistemas modelizantes secundários (Yuri Lotman). Baseando-se na Semiótica da Cultura, Figari (2012) propõe que a semiótica queer deve desenvolver uma supralinguística que permita ler práticas situadas em algum lugar fora do sistema linguístico denotativo, mas que, no entanto, se encontram também dentro dele. Um tal ferramental supralinguístico, portanto, seria capaz de fazer emergir e de afirmar práticas dissidentes, subversivas, a partir do interior das categorias significantes hegemônicas e para além delas. Nesse sentido, as formas de dissidência e/ou subversão são também sistemas modelizantes secundários, já que encontram no interior do sistema da língua suas condições de produção. Por outras palavras, a subversão é decorrência dos próprios sistemas significantes hegemônicos em que está situada, embora aja resistindo a eles, reconfigurando-os. A subversão cria, a todo instante, outros textos semióticos, faz emergir outras formas de pensar as categorias significantes, tensiona os elementos nas fronteiras dos sistemas, gerando reconfigurações de sentidos. É preciso compreender as formações discursivas imbricadas na criação dos padrões de sexo/gênero enquanto construto ideológico, linguístico e cultural, para que só então se possa vir a subvertê-las (Butler, 2003; Figari, 2012). O desenvolvimento de uma semiótica queer, assim, forneceria as ferramentas para a supressão significativa do sistema sexo-gênero, partindo justamente do seu interior para reinscrever as subversões no plano simbólico.

Nome: **Caio Ramos da Silva**

Título: **Semiótica crítica e performatividade**

Instituição: UFRGS

As discussões sobre gênero têm insurgido no campo da pesquisa e da prática da comunicação com crescente vigor. Em oposição a uma binaridade estável e essencializada dos gêneros, obediente a uma ordem coerente entre gênero, sexo e desejo, Judith Butler propõe a noção de performatividade de gênero, compreendendo-o assim como um efeito de atos performativos. Essa noção atribui centralidade à linguagem na produção discursiva do masculino e feminino. Butler institui em seu pensamento que a masculinidade e a feminilidade são assim efeitos de uma articulação de códigos e normativas. Desse modo, desterritorializa-se as ideias de identidade e essência subjacente ao binômio sexo-gênero. Esse trabalho, portanto, tem o intuito de articular o exame da noção de perfor-

MESA 4

mativade tal como ela é concebida por Judith Butler (2012) para pensar o gênero e as sexualidades, sua atualização proposta por Karen Barad (2008) e sua aproximação do que iremos chamar de semiótica crítica. Compreendendo que a semiótica crítica reivindica os termos de uma imanência radical, que rompe com um pensamento estruturado a partir de universalidades, acredito que tal deslocamento operado por tal semiótica com potência política tangência o próprio movimento proposto por Butler (2012) para destituir gênero e sexo de seus critérios essencializantes e, assim, agenciando maquinicamente devires minoritários.

Nome: **Luiza Müller**

Título: **O corpo como agente molecular de transformação no movimento My Stealthy Freedom**

Instituição: UFRGS

O conceito de Multidão, de Negri e Hardt (2012), toma o corpo como ponto de partida – dispositivo material e de ação – na luta contra sua própria exploração. Por isso, cada período na história da humanidade, seja na instância do trabalho, poder, gênero ou política, engendrou importantes mudanças nas corporificações. No Irã, país da Ásia Ocidental, desde a revolução popular de 1979, as legislações foram substituídas pelas premissas do Corão. Uma das primeiras modificações impostas pelos revolucionários foi o retorno da obrigatoriedade do Hijab. O movimento My Stealthy Freedom, que é contrário a essa obrigatoriedade e objeto de análise deste trabalho, reúne mulheres que compartilham, nas redes sociais, autorretratos sem o hijab capturados em espaços públicos do Irã. Essa insurgência na busca por novas significações do corpo se dá pois o véu não é apenas uma peça pesada e incômoda (para aquelas que não desejam usá-lo, pois o movimento é pró escolha e não contra o hijab ou mesmo o islã), mas para muitas é também um símbolo do regime e, assim, torna-se a corporificação da opressão. Diante disso, este trabalho investiga o papel do corpo enquanto agente molecular (com base no conceito de Deleuze e Guattari) não apenas de confronto, mas principalmente de produção de novas subjetividades, tensionando os significados culturais e pré-discursivos do “corpo feminino”, a partir das reflexões teóricas de Judith Butler.

Nome: **Alessandra Pereira Werlang e Suelem Lopes**

Título: **Dissolução do sujeito mulher: por um feminismo da diferença**

Instituição: UFRGS

Este trabalho propõe investigar a discussão da dissolução do sujeito no feminismo utilizando o vídeo Polifonia, uma experimentação audiovisual de “autopor-nografia”, realizada pelo projeto Antropofagia Icamiba. Para tanto propomos a

MESA 4

realização de uma revisão bibliográfica sobre gênero e sexualidade nas teorias feministas e queer via Linda Nicholson, Guacira Louro e Judith Butler. Além disso, revisitamos a semiótica peirciana, passando pelas problematizações que implicam o signo mulher. A análise do vídeo abrange os pontos de vista sensorial, de conteúdo e conceitual que ressignificam a formação do sujeito.

MESA 5

Nome: **André Araújo**

Título: **A Comunicação entre o Acordo e o Conflito**

Instituição: UFRGS

O objetivo do presente trabalho é discutir um conceito de Comunicação entendido como um encontro acontecimental que produz sentido. Encontramos na obra de um conjunto de filósofos pós-estruturalistas reflexões bastante limitadas à respeito do modo como funcionam os processos de Comunicação. Entretanto, nos parece que há, na obra desses mesmos filósofos, uma abertura para desconstruir suas próprias ideias acerca da Comunicação e posicionar o seu estudo de maneira mais frutífera e deslocada de suas elaborações. Um primeiro movimento que pretendemos fazer é posicionar a ideia de Comunicação entre dois extremos, o do acordo e o do conflito. Em elaborações das mais tradicionais até as de teorias arrojadas, como a de Gilles Deleuze, a Comunicação ocupa um espaço de mera transição informacional que visa o acordo, baseada no entendimento intersubjetivo. Pensamos que, pelo contrário, a Comunicação deveria ser entendida justamente como um acontecimento cujo cerne é o encontro em distintas multiplicidades, em que o conflito é o termo principal. A disseminação do processo comunicativo, em nossa visão, é o movimento de reorganização das multiplicidades estilhaçadas a partir do encontro com um outro, uma reorganização de linguagem a partir de um conflito fundamental entre diferentes. Ao posicionarmos o conflito como termo temporariamente central, observamos que há um movimento duplo e paradoxal onde todo o sentido tem sua produção iniciada a partir de um encontro violento, que é posteriormente apaziguado na forma de entendimento apenas para ser interpelado novamente em conflito, ad infinitum. Os rastros dessa dinâmica é o que podemos observar na semiose e nos desenvolvimento dos processos de linguagem.

Nome: **Demétrio Rocha Pereira**

Título: **A fuga adentro: Topografia Fractal como Diagrama de Controle**

Instituição: UFRGS

A apresentação avança em relação à última parte da minha dissertação sobre realidade virtual, em que a emergência contemporânea da tecnologia e os seus ardis expressivos para disciplinar o enquadramento são compreendidos como manifestações de uma máquina social de controle. Aquele texto propunha o modelo fractal como tradução diagramática dos dispositivos de poder das sociedades de controle (DELEUZE, 1992), sugestão que ganha aqui uma análise mais detida. As estratégias de captura da “liberdade de enquadramento” em VR servirão de chave para a compreensão de uma atualização das formas de poder no capitalismo

MESA 5

contemporâneo, que passa de um regime disciplinar atualizado em espaços de confinamento (prisão, escola, hospital etc.) para um regime de controle em que o próprio movimento no espaço “aberto” é objeto de captura para a constituição de territórios homogêneos.

Nome: **Luis Felipe Silveira de Abreu**

Título: **Fragmentos de um Discurso Biográfico: Poéticas, políticas e devorações do biografema na comunicação contemporânea**

Instituição: UFRGS

A partir da difusão e fragmentação das escritas de vida pela comunicação no contemporâneo, este projeto de qualificação busca discutir tal fenômeno à luz do conceito de biografema, conforme elaborado por Roland Barthes (2005b). Propomos que as narrativas midiáticas vêm praticando um resgate e um desgaste de tal forma semiótica, calcada na descrição de detalhes e pequenas idiossincrasias de suas personagens – hipótese elaborada por meio de uma investigação arqueológica do problema da enunciação biográfica, de sua formalização com Plutarco (1993), no Século XX, até a corrente definição de espaço biográfico (ARFUCH, 2010), fendido pelo crescente interesse em detalhamentos e escritas menores. Assim, constitui-se como objetivo geral de nossos esforços de pesquisa distinguir os usos do biografema pelos discursos comunicacionais contemporâneos por meio do mapeamento de suas diversas funções semióticas, observáveis na análise de fragmentos narrativos do corpus. Tal análise se dá aqui enquanto estudo-piloto, com a desmontagem crítica dos livros *Vida*, de Paulo Leminski (2013); *Vésperas*, de Adriana Lunardi (2002), *Inverdades*, de André Santanna (2009); e *La literatura nazi en America*, de Roberto Bolaño (2010), compreendidos enquanto narrativas midiáticas e explorados na sua capacidade de exporem as recorrências e descontinuidades na prática biografemática. A leitura dos fragmentos de tais obras se organiza em uma tipologia de usos (e abusos) do biografema aí observáveis, que demonstram suas implicações para o pensamento semiótico e comunicacional: a palavra de ordem; a palavra mítica e a palavra fágica.

MESA 6

Nome: **Giulia Bolzan de Moraes e Fábio Pezzi Parode**

Título: **Moda e Sustentabilidade: A Estética do Upcycling e o Design de Mana Bernardes**

Instituição: UNISINOS

As novas formas de produção ligadas ao slow fashion criaram uma estética que valoriza a produção manual, a singularidade e a ressignificação de materiais. Este é o caso do upcycling. Por trás desta nova estética estão alguns princípios de sustentabilidade, e a emergência de uma cultura de consumo, cujos valores estão alinhados aos propósitos de justiça social e de consciência ecológica. Este artigo busca compreender e explorar conceitualmente o slow fashion, a fim de fazer um contraponto com o modelo dominante fast fashion no campo da moda. Para tal empreendimento, iniciamos com uma revisão teórica sobre o tema e apresentamos na sequência, um estudo de caso sobre a marca Mana Bernardes, que atua com o upcycling em joias.

Nome: **Sinara Sandri**

Título: **A interdição interativa na cidade do século XX**

Instituição: UFRGS

O artigo se propõe a analisar a possível relação entre os modelos comunicativos e a constituição de determinados regimes de visibilidade no espaço urbano. Para tanto, terá como foco a desmontagem da ideia de Ecologia Urbana, proposto no âmbito do Interacionismo Simbólico.

Nome: **Lennon Macedo e Gabriel Nonino**

Título: **Liberté, Egalité, Beyoncé: produção de subjetividade no capitalismo tardio**

Instituição: UFRGS

O presente artigo busca compreender o funcionamento semiótico da página de Facebook Humans of Late Capitalism a partir de sua singular produção de subjetividades. Em outros termos, como a página produz os seus humanos de capitalismo tardio? Encontramos, na página, certos procedimentos estéticos e semióticos que remetem ao pós-modernismo referido por Jameson (2002) como lógica cultural do capitalismo tardio. Procedimentos estes que são da ordem de um regime pós-significante, como diriam Deleuze e Guattari (2011). No embate entre a tradição crítica de um e o pós-estruturalismo de outros é que pretendemos analisar a página e entender até que ponto ela pode reforçar a lógica cultural do capitalismo tardio e, ao mesmo tempo, produzir certas linhas de fuga do sistema.